

Giselda Laporta Nicolelis

Ilustrações de Paulo Borges

O Sol é Testemunha

2ª edição

Conforme a nova ortografia

 **Editora
Saraiva**

Editor: Rogério Carlos Gastaldo de Oliveira

Assistente editorial

e preparação de texto: Kandy Sgarbi Saraiva

Secretária editorial: Andréia Pereira

Suplemento de trabalho: Rosane Pamplona

Revisão: Pedro Cunha Jr. (coord.) / Cid Ferreira /
Juliana Batista / Renato Colombo Jr.

Gerência de arte: Nair de Medeiros Barbosa

Diagramação: Edsel Moreira Guimarães

Capa: Gislaíne Ribeiro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Nicolelis, Giselda Laporta

O sol é testemunha / Giselda Laporta Nicolelis; ilustrações de
Paulo Borges — 2. ed. — São Paulo : Saraiva, 2009.

ISBN 978-85-02-06237-5

1. Literatura infantojuvenil I. Borges, Paulo. II. Título.

III. Série

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

- | | |
|------------------------------|-------|
| 1. Literatura infantojuvenil | 028.5 |
| 2. Literatura juvenil | 028.5 |

9ª tiragem, 2017



Avenida das Nações Unidas, 7221 – Pinheiros

CEP 05425-902 – São Paulo – SP

Tel.: (0xx11) 4003-3061

www.editorasaraiva.com.br

atendimento@aticascipione.com.br

Todos os direitos reservados à Editora Saraiva S.A.

CL: 810072

CAE: 603375

Sumário

Beto	5
Noite em claro	14
Bancando o detetive	22
Kaline	30
O encontro	38
Um mundo melhor?	46
Coração de Mãe	54
Noite de terror	62
A coisa se complica	70
A missão	78
Apocalipse	86
Novos tempos	94
Susto!	102
Fim de linha	110



Beto

Fim de tarde. Subindo o morro, mochila nas costas, Beto vai jogando pensamento fora... Pensa na escola, nos professores. Alguns são dez, bem-humorados, pacientes, dão o recado; outros, ao contrário, parecem estar de mal com a vida — o mundo é feito de gente diferente, não é?

Os colegas também. Uns são legais, outros tiram sarro porque ele mora na favela, preconceito mais besta, pô, parece que no morro só vive bandido! Ele sabe que não é assim: a maioria na comunidade é gente boa, trabalhadora, que sai logo cedo pra batalhar o salário no fim do mês. E vive espremida entre a polícia, muitas vezes brutal, e o dono do morro — aquele que aparece pouco por lá, mas manda em tudo por intermédio de seu gerente geral — cara temido porque comanda outros gerentes, que, por sua vez, comandam os soldados e o resto do pessoal, como se fosse um exército bem treinado, e as coisas rolam como eles querem — fazer o quê?

Beto não vê a hora de chegar em casa, tirar o uniforme suado, os tênis, as meias, vestir uma bermuda — depois, sem camisa e descalço, bater um bolão no campinho no alto do morro, vendo o Sol se esconder no horizonte, bola grande e vermelha no céu.

Mãe não gosta muito disso, vive com medo, avisando:

— Nada de ficar por aí, dando rolé à toa... meu coração não aguenta mais tanta aflição!

Mãe tem razão. Tantas como ela ficam caçando os filhos feito loucas; às vezes acham, às vezes não. Uns a polícia leva dentro do camburão e nunca mais aparecem — como se tivessem sido... como é mesmo a palavra? Ah! Ab-du-zi-dos, isso, abduzidos por uma nave espacial. Outros morrem lutando como soldados, trocando tiros com a polícia ou com os *alemães* — caras de facções inimigas que invadem o morro de surpresa, querendo tomar conta do pedaço. Ou então morrem executados pelos próprios companheiros de tráfico. Ali, motivo pra matar ou pra morrer é o que não falta.

De vez em quando, Beto lembra, arrepio correndo pelo corpo, é descoberto um cemitério clandestino lá pelas bandas do morro — lugar ermo onde se desovam os presuntos. Sempre se dá um jeito de se livrar de um corpo, as ossadas não deixam mentir. Pois não são os garotos assim como ele, a partir de uns dez anos, que largam a escola pra fazer “carreira” ali no morro? Salário ou comissão garantidos, regalias, droga à vontade e arma na mão.

— É morte certa, assim como o Sol nasce e se põe todo dia. Se quer morrer cedo e me matar junto, vá por esse caminho torto — repete a mãe, feito ladainha.

Mãe ficou na porta da escola pública três dias e três noites, acampada por lá até conseguir uma vaga pra ele. Foi a primeira a chegar, com água, pacote de bolacha, guarda-chuva e colchonete. Logo se formou uma fila imensa... Mãe só abandonava o posto pra ir ao banheiro, e assim mesmo quando alguém revezava com ela pra garantir o lugar e os pertences. Aguentou chuva, sol, a roupa grudada no corpo de tanto suor — mas não arredou pé. Quando a escola abriu, três dias depois, Mãe adentrou gloriosa os portões: vaga garantida, cria fora do mau caminho, missão cumprida.

“Coitada da mãe”, pensa Beto. Ganha, trabalhando como faxineira em casas de uns bacanas, lá na Zona Sul, quando muito duas *pernas* por mês — o que ela pode fazer com 400 reais? Sai de madrugada pra enfrentar o *buzão*, se espreme como pode lá dentro, Mãe é gorda, ele nem sabe como ela passa na catraca, deve ser uma luta. E não é gorda de tanto comer, deve ser dos remédios que ela toma pra pressão alta e que ela vai buscar no posto de saúde — quando tem, né? Se não tem, precisa dar outro jeito, que o aluguel do barraco e o de-comer vêm primeiro.

Beto suspira fundo: vontade de crescer logo pra completar o ensino médio, arrumar emprego com carteira assinada, pra ajudar Mãe. Muitos garotos, que nasceram e cresceram com ele na favela e agora viraram marginais, até mesmo os próprios irmãos, dizem que ele é um zé-mané. Podia estar ganhando os tufos se fosse “formado”, quer dizer, se entrasse pro tráfico, que paga em dinheiro vivo e por semana, sem precisar esperar o fim do mês. Sem falar nos *envenenados*, os cigarros com

mistura de maconha e cocaína distribuídos à vontade entre a garotada, deixando todo mundo meio doidão.

Começaria como *olheiro* — firme lá na *contenção*, os pontos mais altos do morro —, munido de *walkie-talkie* e fogos de artifício, pra avisar da chegada dos *gambês*, os odiados *canas*, ou dos *alemães*. Cento e cinquenta reais por semana, mais da metade do que um pai ou mãe de família às vezes recebe no final do mês. Mas tem as pedras no caminho: se encontra uns *canas* pela frente, pode tirar um tempo de cadeia; se dorme na *contenção*, é muito pior: aí é olho por olho — morrendo algum companheiro, o preço a pagar pode ser a própria vida.

Depois, continuando a “carreira”, passaria pra *vapor*; aquele que vende a droga direto pro consumidor, ali mesmo, nas bocas. Moleza. Carrega dois sacos plásticos: num deles, as trouxinhas de maconha; no outro, os sacolés de cocaína. E mais a bolsa a tiracolo, claro, pra colocar a grana — ai de quem não prestar contas certinho com os gerentes de bocas depois do expediente, que vai do meio-dia até as cinco da madrugada do dia seguinte. Falhou também é morte certa, como dois e dois são quatro.

Vapor que se preza ganha por comissão: 100 reais pela carga inteira. Tem saco com mais de quinhentos sacolés de cocaína. E tem dias que o carinha vende até três sacos. *Vapor* bem-sucedido pode ganhar até 300 reais num dia só — quer vida melhor?

Ou então podia começar como *endolador*, preparando a droga pra ser vendida, o que inclui a mistura com outros produtos pra render mais, como pó de gesso. Depois separar a droga em sacolés de 3, 5, 10, até 20 reais. Cada carga vale 50 reais para o *endolador*. Quanto mais

rápido trabalhar, mais ganha. Nesse cargo o risco é menor, já que o cara tem de ficar meio embutido, né?

Se gostasse de briga, podia virar *soldado* — quantos garotos Beto conhece nessa posição: neguinhos mirrados, mal aguentando carregar um AK-47, fuzil russo, metade do moleque de tão grande. Ou então um Colt AR-15, que eles chamam de *baby*, submetralhadora, pistola, revólver, até granada. Nem precisa saber atirar: sai tanta bala que sempre alguma coisa se acerta e o estrago está feito. Quatrocentos reais por semana pra defender a boca, quase um *barão e meio* por mês! O risco de morrer é maior, claro! Mas fazer o quê? A vida é uma aventura.

No morro a “carreira” é rápida; morre muito garoto, é como rodízio de gente. Um lance legal, diziam, era ser *fiel*, um cara da maior confiança dos gerentes ou do gerente geral, cão de fila sempre na defesa do seu dono. Fatura uma boa grana, dependendo da confiança que inspira.

Um garoto poderia chegar a ser um *gerente de boca*, responsável pela venda de drogas em determinado local da favela. O que não falta por ali é boca de fumo. Mas, se desse sorte, viraria um *gerente de preto*, aquele que cuida de toda a venda de maconha do morro, ou *gerente de branco* ou *de pó*, responsável por toda a cocaína. Daí o lucro é maior, quase um *barão*: oitocentos reais por semana. *Gerente dos soldados* também é cargo muito solicitado porque paga bem e “dá *status*”.

Continuando a ascensão, talvez chegasse até a ser um poderoso *gerente geral*, que administra toda a venda de droga e a defesa das bocas na favela. Esse ganha comissão pelo total de droga vendida e tem todo o interesse, claro, em que seja vendida a maior quantidade possível.

Quem alcançasse o topo da pirâmide seria então o *dono do morro, o homem, o patrão*, cujo faturamento não tem limite, e que só aparece na comunidade pra levar as drogas que comprou do *matuto*, o atacadista, pra entregar as armas e recolher o lucro das vendas. Mas daí, segundo os caras, já seria tirar a sorte grande.

Sorte? Mãe até rilha os dentes de ódio quando ouve isso. Sorte por acaso é viver 24 horas a serviço do tráfico, de sol a sol, vivendo e dormindo como bicho acuado, de arma na mão e medo de morrer a qualquer instante?

Sorte é não ter vida própria, obedecendo às ordens que vêm lá do *dono do morro*, que a maioria não sabe quem é? (Mãe duvida muito que ele viva em barraco de pobre; deve morar em algum condomínio de luxo, porque pode ser qualquer um: político, empresário, tratado com respeito, frequentando os melhores lugares, passando de cidadão exemplar). Se o *dono do morro*, por meio de seus gerentes, mandar moleque matar, o carinha tem de obedecer, seja lá quem for a vítima: amigo de infância, vizinho, até mesmo parente de sangue. Ou mata ou morre, essa é a lei.

Sorte é morrer antes dos dezoito anos, deixando mãe desesperada, além de uma viúva e filhos órfãos? Se isso é *sorte*, então é melhor que ele nunca tenha sorte na vida.

Mãe, como tantas outras ali na favela, é chefe de família. Pai morreu cedo, Beto era muito pequeno, mal se lembra dele. É quase um estranho aquele homem jovem que o olha de frente no retrato em cima da mesa. Parece feliz, abraçado à moça sorridente vestida de noiva. Mesmo com a vida sofrida cobrando seu preço, Mãe ainda continua bonitona.



De vez em quando, Mãe desanda a falar dos tempos bons, quando o marido ainda era vivo e trazia o sustento pra casa, e eles eram quase felizes, mesmo levando a vida dura ali no morro.

Um dia, faz tempo, Beto não aguentou mais de curiosidade e fez a pergunta que não queria calar:

— Mãe, do que Pai morreu?

— Morreu, só isso — disse Mãe, fugindo do assunto. De tristeza já bastava a vida.

— Matado ou morrido? — ele quis saber.

— Matado — confirmou Mãe, seca.

— Pai era bandido? — perguntou, na lata.

— De onde você tirou essa besteira, menino? — Mãe parecia ofendida com a pergunta.

— Besteira, nada — insistiu. — Quero saber se posso ter orgulho dele ou esquecer que ele existiu.

Mãe suspirou fundo antes de responder:

— Você tem razão. Você pode ter orgulho do seu pai; ele era um homem trabalhador. Foi confundido com X-9, inventaram que ele era alcaguete, coisa de gente invejosa, baba-ovo de traficante.

Ficou olhando pra Mãe, meio sem jeito. Depois perguntou:

— E como é que mataram ele?

— Chega desse assunto, não é coisa pra você saber.

— Mas era meu pai, eu tenho esse direito...

Mãe ficou em silêncio por alguns instantes, então contou, ele ouvindo, quase sem acreditar.

Pai era mecânico, dos bons, saía todo dia bem cedo pra ir trabalhar lá embaixo, na cidade grande, numa oficina. Homem sério, tinha raiva dos traficantes, mas não se metia com eles. Cada um na sua. O sonho de Pai era melhorar de vida, tirar a família da favela: além da esposa, quatro filhos homens, Beto o caçula. Tinha medo de que um dos meninos fosse seduzido pelo dinheiro fácil que o tráfico prometia.

O que mais assustava Pai era que os traficantes nem precisavam aliciar os garotos; eram eles que se ofereciam, até suplicavam pra entrar no esquema. Começavam rodeando os gerentes, fazendo pequenos favores, levando recado ou comprando lanche, refrigerante, maço de cigarro — olho grande na ostentação de riqueza dos outros, manos, que desfilavam tênis e roupas de grife, nos bailes *funk*, joias e *minas* atraídas pelo poder e pela fartura de grana. Tinha cara ali até com harém.